



DESAFIOS: QUAIS SÃO OS SEUS?

Neste mês, a convite da Associação G100, integrei um grupo de produtores, empresários e dirigentes vinculados a laticínios de oito estados, juntamente com membros da equipe do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Saímos de Brasília, rumo ao norte de Goiás, e chegamos ao sul da Bahia. Somamos doze horas dentro de um ônibus, quatro em estrada de chão que sabe castigar quem por ela passa.

No trajeto, fomos ao município de Jaborandi-BA, que o IBGE estima ter 9.136 habitantes. Foi ali, há 15 anos, que produtores de leite da Nova Zelândia decidiram se instalar com suas famílias. Esses neozelandeses não eram paupérrimos. O Simon, por exemplo, me disse que seu pai é um tradicional produtor de leite em seu país, com produção de 200 mil litros de leite por dia. Isso supera em 9 mil litros por dia toda a produção conjunta dos três maiores produtores brasileiros.

Pois eles saíram de um país que é o maior exportador de leite do mundo e vieram para um cerrado fechado, um lugar em que o progresso ainda não chegou, mesmo depois do tempo em que ali estão. Saíram de um lugar que valoriza e apoia quem produz leite, cuja maior empresa do país é um laticínio. Viviam num país tão importante no setor, que as cotações de preços que divulgam interferem na formação de preços do mercado mundial.

Saíram da Nova Zelândia e vieram para nosso país, onde muitos acham que produzir leite é atividade de derrotados, de gente sem futuro. No grupo de gente que pensa assim vale incluir gerentes de banco, a maioria dos políticos, e até mesmo boa parte dos próprios produtores de leite. Pois estes neozelandeses que para cá vieram viviam num país onde o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) é o décimo do mundo, e mudaram para nosso país, que é o septuagésimo quinto em IDH, e se instalaram num município que é o 3.847º, na classificação de IDH dos 5.570 municípios brasileiros. Pelo visto, regrediram na vida, não?

Ao chegar à fazenda, fomos recebidos e imediatamente levados à escola dos filhos dos 107 empregados e dirigentes, onde os meninos falam português e inglês. Depois, fomos conhecer a produção, com alimentação essencialmente a pasto durante 365 dias por ano, com suplementação de milho ou fubá no cocho. Nada de cana, silagem ou ração. As vacas pastejam embaixo de nove pivôs usados para irrigar os pastos. Cada pivô abriga 560 vacas que têm tifton disponível, ocupando cerca de 56 ha.

Esses números já são espantosos. Lotação de 10 vacas por ha, ou cerca de 45 mil litros por ha por ano. É mais do que conseguem na Nova Zelândia. Cada vaca produz média de 15 litros apenas, e não é por acaso. O primeiro motivo é que buscam selecionar animais que produzam mais sólidos, e não mais litros de leite. A média por litro é de 4,1% de gordura e 3,8% de proteína. O segundo motivo é que os animais precisam ser pequenos, cada vaca pesando pouco mais de 400 kg, pois vaca menor que menos. A seleção é feita visando à eficiência econômica, e não à eficiência técnica. Em outras palavras, busca-se a melhor relação benefício e custo, e não a maior produção, como é típico no restante do Brasil.

As bezerras são alimentadas em mamadeiras coletivas. Somente as conhecia por vídeo e fotografias. Achei genial, pois exige pouca mão de obra, enquanto é possível acompanhar os reflexos delas nesta etapa tão delicada de suas vidas. As novilhas são inseminadas aos 15 meses e as vacas têm uma gestação por ano. Nada eu vi de automação. Tudo é simples, barato, prático. O que vi foi pouca gente, mas focada na produção. E trabalhando com motivação, com orgulho do que faz.

Vi somente casas boas, com antenas de TV paga. Quem trabalha ali consegue dar uma vida confortável para a família. Finalizando, conhecemos a planta industrial, que processa e engarrafa o excepcional leite vendido com o nome de Leitíssimo. Por outro lado, no mês passado também fui às paraolimpíadas do Rio de Janeiro, na final de rúgbi para cadeirantes amputados, uma das partidas esportivas mais emocionantes da minha vida. E lá, lembrei-me do projeto Leitíssimo. O que ambos têm em comum?

Os neozelandeses vieram para o Brasil porque acham que produzir leite aqui é bom negócio, pois o produtor recebe muito pelo litro, e a mão de obra é abundante. Tudo ao contrário do que dizem os produtores brasileiros. Os amputados jogam o jogo que vi porque é a forma de eles se encontrarem com a vida, depois que tragédias lhes abateram. Nos dois casos, neozelandeses e amputados se viram diante de oportunidades, despercebidas pelos comuns. Não seguiram a multidão.

Lá atrás, sonharam com uma nova vida, planejaram a execução do sonho, agiram em favor dele, e colhem hoje o reconhecimento, a admiração, o sucesso. Uniram coração e razão num projeto de vida. O ser humano precisa de desafios. É isso que faz alguém escalar uma montanha gelada, arriscar morrer, chegar lá em cima, dar dois pulinhos e voltar para a vida cotidiana. Desafios são o que nos move... E você, quais são os seus? ■

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz-USP, chefe geral da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

Os neozelandeses vieram para cá porque acham que produzir leite aqui é bom negócio, pois se recebe muito por litro e a mão de obra é abundante

EMBRAPA GADO DE LEITE, 40 ANOS, POR PAULO DO CARMO MARTINS

BALDE BRANCO

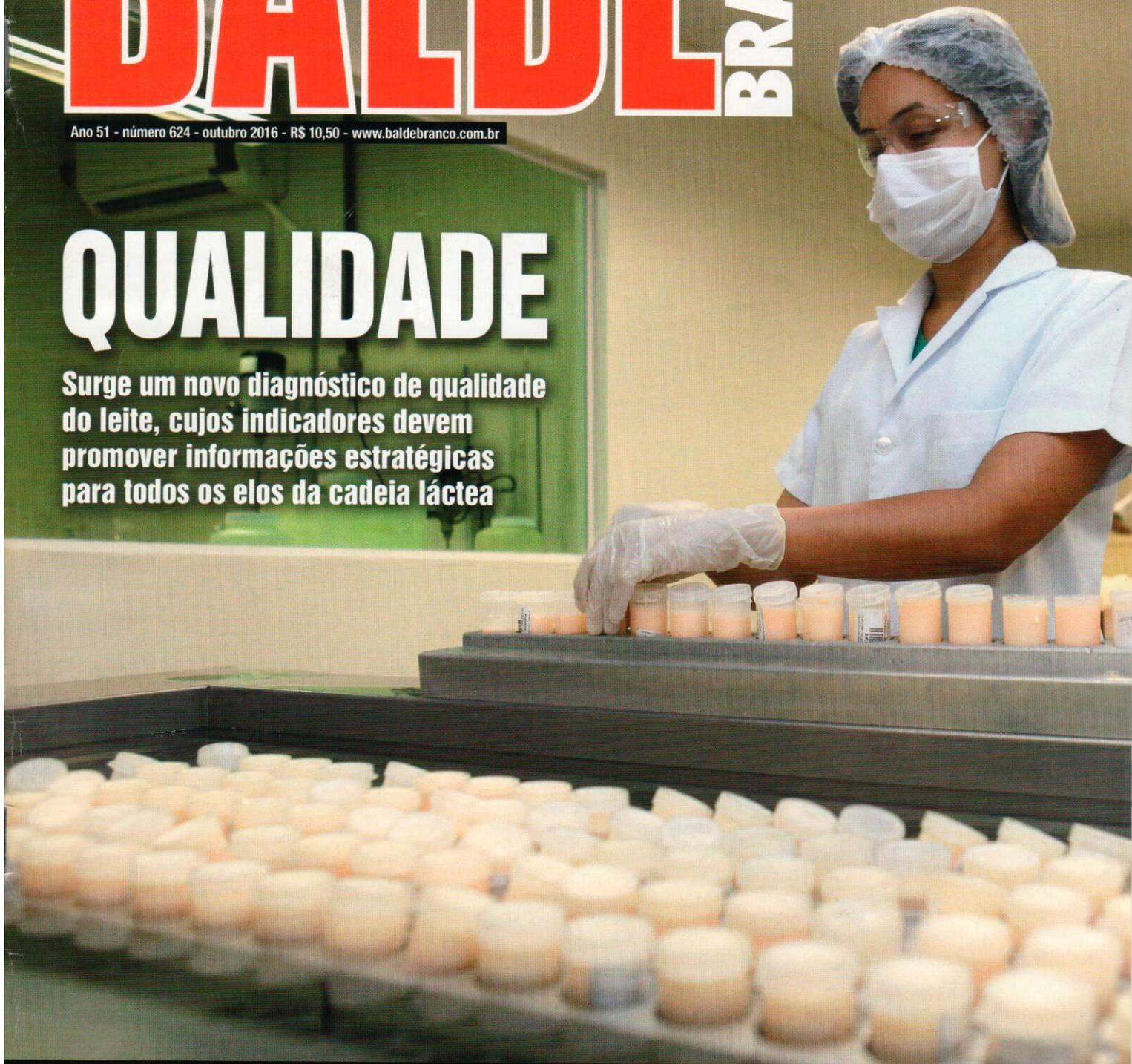


**11 vezes indicada
como a melhor
revista do
setor leiteiro**

Ano 51 - número 624 - outubro 2016 - R\$ 10,50 - www.baldebranco.com.br

QUALIDADE

Surge um novo diagnóstico de qualidade do leite, cujos indicadores devem promover informações estratégicas para todos os elos da cadeia láctea



Embriões FIV e congelados estão mais acessíveis

Irrigação de pasto e o uso racional da água durante o ano

Quando a ação técnica muda a vida do produtor